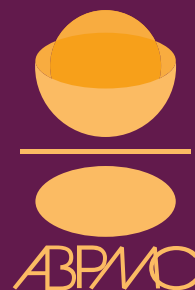


32 Boletim contexto

ABPMC | junho de 2010 | número 32

- XIX Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental: Registros de uma trajetória
- Desenredamento autorreflexivo e ativação comportamental: Chaves para a terapia
- Comportamento humano e desenvolvimento sustentável: Caminhos possíveis
- Contingências de amor e dor na música brasileira
- Contribuição de *Contexto* para a história da análise do comportamento no Brasil
- Escola que Protege: Um projeto do MEC inspirado no trabalho de Lúcia Williams
- Reconstruindo a sociedade por meio da análise do comportamento: O trabalho de Paula Gomide com menores infratores
- Carta aberta à professora Tereza Maria de Azevedo Pires Sérgio (Téia)
- Instituto de Estudo e Psicoterapia Analítico Comportamental (IEPAC)



Diretoria ABPMC gestão 2010/2011

Presidente

Maria Martha Hübner (USP)

Vice-Presidente

Denis Roberto Zamignani (Núcleo Paradigma)

Primeira Tesoureira

Roberta Kovac (Núcleo Paradigma)

Segunda Tesoureira

Sonia Beatriz Meyer (USP)

Primeiro Secretário

Ricardo Corrêa Martone (Núcleo Paradigma)

Segundo Secretário

Roberto Alves Banaco (PUC-SP e Núcleo Paradigma)

Conselho Consultivo

Vera Regina L. Otero (Ribeirão Preto)

João Cláudio Todorov (IESB Brasília)

Deisy das Graças de Souza (UFSCar)

Francisco Lotufo Neto (IPq HC FMUSP)

Maly Delitti (PUC-SP)

Maria Amalia Pie Abib Andery (PUC-SP)

Vera Raposo do Amaral (PUCCAMP)

Membros Permanentes do Conselho Consultivo

Bernard Pimentel Rangé (UFRJ)

Hélio José Guilhardi (ITCR Campinas)

Roberto Alves Banaco (PUC-SP)

Rachel Rodrigues Kerbauy (USP)

Maria Zilah Brandão (PSICC)

Wander Pereira da Silva

Maria Martha Hübner (USP)

Expediente

Boletim Contexto

Uma publicação eletrônica da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC) São Paulo, n. 32, junho de 2010

Coordenação editorial

Dante Marino Malavazzi

Jan Luiz Leonardi

Colaboração especial

Denis Roberto Zamignani

Maria de Lima Wang

Projeto gráfico e diagramação

Eduardo Musa e Silvia Amstalden



Sumário

Editorial 4

Maria Martha Costa Hübner

XIX Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental: Registros de uma trajetória 6

Denis Roberto Zamignani

Desenredamento autorreflexivo e ativação comportamental: Chaves para a terapia 9

Marino Pérez-Álvarez

Comportamento humano e desenvolvimento sustentável: Caminhos possíveis 14

Djenane Brasil da Conceição

Contingências de amor e dor na música brasileira 19

Fabiana Guerrelhas e Maira Cantarelli Baptistussi

Contribuição de *Contexto* para a história da Análise do Comportamento no Brasil 24

Thais Albernaz Machado do Carmo Guimarães e Maria do Carmo Guedes

Escola que Protege: Um projeto do MEC inspirado no trabalho de Lúcia Williams 26

por Dante Marino Malavazzi

Reconstruindo a sociedade por meio da análise do comportamento: O trabalho de Paula Gomide com menores infratores 27

por Jan Luiz Leonardi

Carta aberta à professora Tereza Maria de Azevedo Pires Sérgio (Téia) 28

Instituto de Estudo e Psicoterapia Analítico Comportamental (IEPAC) 29

Editorial



A ABPMC tem ares e energias renovados. Mantivemos a obstinada busca por seus ideais de desenvolver a Análise do Comportamento e a Psicologia Cognitivo Comportamental no Brasil, com excelência e abrangência. Além disso, busca cada vez mais fortalecer o processo de sua organicidade: é a primeira vez que um mesmo presidente continua em gestão sucessiva com uma diferente chapa, com um diferente grupo. Isto indica a disposição para a continuidade e fortalecimento da ABPMC como uma sólida instituição, de respeitada inserção junto à comunidade científica e profissional e junto aos órgãos nacionais de fomento e de apoio à organização de reuniões científicas. É o terceiro ano consecutivo que solicitamos apoio da CAPES, CNPQ e FAPESP, sem os quais nossos congressos e nossa sobrevivência teriam se inviabilizado.

Continuamos a nos inspirar em Carolina Bori, Maria Amélia Matos, em seu amor à área e em seus exemplos de competência, galhardia e persistência. Suas mortes nos deixaram, a princípio, com a difícil sensação de orfandade, para depois nos instigar a seguir em frente, buscando o aprimoramento constante. Tal sentimento voltou à tona, após a difícil perda de nossa querida Téia. É muito difícil imaginar a ABPMC sem ela. Temos seus ensinamentos, sua voz, seu olhar e seu contagiante entusiasmo com a Análise do Comportamento vivos em nossa memória, em nosso coração. Como seguir sem ela? Só vimos uma saída: incluí-la fortemente em nosso seletivo grupo de fontes inspiradoras, com o compromisso de fazermos o nosso melhor, cada vez mais, para que também ela ficasse orgulhosa de seus

colegas diretores da ABPMC, que ela tanto respeitava e prestigiava. Vamos em frente. Os jovens nos ajudam nisso.

E jovem e vigorante é o novo grupo que lidera a organização do congresso da ABPMC, sob a incansável batuta de Denis Zamignani. Tem sido gratificante ver o quão admirável é a sua disposição em fazer o melhor por nós, sócios da ABPMC, e quão ricas são as suas ideias, não só aquelas relativas ao congresso, mas também à ABPMC, como um todo. Falo no projeto ABPMC Comunidade, nos levantamentos junto aos sócios, na melhoria do site, na comunicação com os associados, nas reuniões com os colaboradores, na exaustiva preocupação em dar todas as explicações aos sócios, dentre outras. Além de tudo, fiel à democracia. Não faz nada sem que consulte toda a diretoria e fazemos reuniões regularmente, como manda o estatuto. Neste sentido, tem sido muito gratificante ver cada ideia se concretizando e, a despeito de uma queixa aqui e acolá, que sempre ocorrem em qualquer sociedade científica, e que respeitamos, o bom humor do grupo é imbatível. Temos, acima de tudo, a clareza de nosso amor agápico pela ABPMC e a doação, com alegria, de nosso tempo e trabalho para o crescimento da área e para a satisfação dos sócios da ABPMC. Campos de Jordão é nossa próxima parada. Novos horizontes se abrem nesse imenso Brasil e estamos sensíveis aos inúmeros pedidos e à variabilidade necessária, sem deixar de manter o que vem dando muito certo ao longo de excelentes e experientes gestões que nos antecederam.

Continuamos atentos na defesa da abordagem e breves ações estão sendo planejadas em relação ao INEP e aos concursos públicos, que pouco ou nada incluem sobre a abordagem comportamental.

Ainda em relação aos jovens, suas colaborações têm sido imperdíveis. Este boletim, por exemplo. Construído por dois recém-formados, Dante Malavazzi e Jan Leonardi, revela o poder ultra jovem, lembrando Drummond, da geração vindoura. Há qualidade na escolha dos textos e no cuidado com as abrangências dos temas e competência dos autores.

Detalhes de nossa história enquanto diretoria do biênio 2010/2011 estão apresentados no texto a seguir, de nosso Vice-Presidente e Presidente do XIX Encontro.

Desejo uma excelente leitura do *Boletim Contexto* a todos, esperando vê-los em setembro, em nosso XIX Encontro, em Campos de Jordão, organizado com uma dedicação impecável! Vocês perceberão isso no texto a seguir.

Maria Martha Costa Hübner
Presidente ABPMC | Biênio 2010/2011

XIX Encontro



XIX Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental: Registros de uma trajetória

Denis Roberto Zamignani¹

Setembro de 2009. Maria Martha Hübner, eu, Roberta Kovac, Sonia Meyer, Ricardo Martone e Roberto Banaco, fomos eleitos para compor a nova diretoria da ABPMC. Nossos ideais não eram pequenos, assim como não era pequena nossa disposição para trabalhar. A mim coube a função de presidir o XIX Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental. Tal tarefa, que me pareceu (e ainda parece) altamente estimulante, mostrava-se um enorme desafio... Como promover um evento que fizesse jus aos 18 anteriores de altíssima qualidade, uma marca dos Encontros da ABPMC?

O Encontro, entretanto, não era nossa única preocupação. Pensar a sua organização implicava articular uma série de variáveis financeiras, acadêmicas, geográficas, políticas, entre outras, que envolviam a Associação como um todo. Felizmente, eu não estava sozinho nesse desafio. Era um desafio de toda a diretoria da ABPMC.

A primeira medida que tomamos foi dar início a uma pesquisa para caracterizar o perfil de nossos associados, o que seria importante tanto para o planejamento do Encontro e de outras ações da diretoria quanto para a captação de recursos com eventuais patrocinadores.

Uma das muitas metas que tínhamos para a Associação era a de que ela continuasse a trabalhar em direção a uma maior representatividade de seus associados em vários contextos. Não acreditamos que a ABPMC deva ser uma Associação voltada exclusivamente para a organização de um Encontro anual. Há algum tempo, as diretorias da ABPMC têm se voltado para uma ampliação de seus focos de ação. Felizmente, tais propostas foram levadas à frente pelas diretorias que se seguiram e mostra-

ram-se altamente efetivas para o fortalecimento e manutenção da própria ABPMC e das abordagens que ela representa.

O lançamento da coleção *Sobre Comportamento e Cognição*, em 1997, deu início a uma enorme ampliação na produção de conhecimento (ou na publicação deste conhecimento já produzido e "represado"). Na gestão 1998/1999, a ABPMC se afiliou à SBPC, marcando seu lugar entre as entidades científicas. Ainda nesta mesma gestão, foi uma grande conquista o lançamento da *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, colocando em evidência para a comunidade científica o conhecimento produzido pelos profissionais e pesquisadores representados pela Associação. Na gestão 2000/2001, a ABPMC deu mais um passo importante, dessa vez em direção à comunidade, com palestras e atividades voltadas para o público leigo durante o Encontro anual. Em 2004, o Brasil abrigou o Encontro da ABA Internacional, um reconhecimento à força e importância da ABPMC no cenário mundial. Na gestão 2008/2009, a ABPMC passou a responder oficialmente às críticas dirigidas às abordagens que ela representa.

Além da manutenção das ações propostas pelas diretorias anteriores, o que tomamos como uma questão de honra, tínhamos também como meta a ampliação da atuação da ABPMC frente às comunidades leiga e científica. Para tanto, criamos o programa *ABPMC Comunidade*, cujos primeiros passos já foram dados na cidade de Foz do Iguaçu (PR) e serão apresentados na próxima edição do Boletim. Temos buscado, para custear este programa, parcerias (a primeira delas já celebrada com o Parque Tecnológico do Itaipu) e patrocínios, já que a associação não teria orçamento para tanto.

O custeio da Associação é fruto do pagamento das anuidades dos sócios, calculada para arcar com seu funcionamento administrativo. Entretanto, o Encontro, que movimenta os maiores volumes de dinheiro, habitualmente

¹ Vice-Presidente da ABPMC (biênio 2010/2011) e Presidente do XIX Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental.

consome parte importante deste orçamento em sua estrutura. Assim, a Associação funciona com uma economia interna bastante enxuta. Soma-se a isso que, nos últimos anos, a diretoria da ABPMC, ciente da economia do país, não atualizou os valores de anuidade. Esta foi uma medida necessária, mas deixou o orçamento no seu limite de funcionamento.

Voltemos então ao XIX Encontro. Nossa diretoria havia proposto uma política que estendesse as ações da ABPMC para fora do eixo Campinas-SP. Uma das propostas era que, já no ano de 2010, o Encontro fosse para um outro Estado. Mas frente ao caixa limitado e aos problemas já referidos, ficamos preocupados em, saindo de São Paulo, enfrentarmos uma diminuição significativa no número de participantes, sem um respaldo de verba da Associação para isso. Buscamos então alternativas no próprio Estado. O hotel Royal Palm Plaza, em Campinas, havia se tornado inviável, devido ao aumento dos valores de locação. Contatamos e visitamos hotéis e centros de convenções em Atibaia, Mogi das Cruzes, Guarujá, Santos, Campinas, diversos na cidade de São Paulo, entre outros. São Paulo, apesar de todas as vantagens, mostrou-se inviável financeiramente. Outras cidades, apesar de oferecerem espaços amplos para convenções, não possuíam a infra-estrutura necessária para o Encontro ocorrer de forma satisfatória, ou seu custo não era acessível.

Foi então que uma amiga, Gisa Baumgarth, associada da ABPMC, sugeriu um espaço em Campos do Jordão, recomendação de uma colega sua que trabalha com organização de eventos. Foi quando tivemos o primeiro contato com Elisabete Simabuco, que nos ofereceu suporte, por meio da Campos do Jordão Eventos. Sua competência, simplicidade e simpatia nos conquistaram à primeira vista. E seu trabalho tem sido essencial para obtermos as melhores negociações na cidade. O custo do centro de convenções, perto de todos os outros já visitados, era extremamente convidativo. A estrutura da cidade parecia perfeita, com um conjunto de hotéis a preços bastante diversificados, restaurantes para todos os gostos, atrativos turísticos (por que não?), tudo isso concentrado em um espaço pequeno, o que permitia o deslocamento dos congressistas a pé. E, para nossa surpresa, a fama de "cidade cara" de Campos não se confirmou. Realizando o evento fora da

temporada de inverno, os custos baixavam significativamente. Restava um único problema: o aeroporto mais próximo de Campos era muito distante. Antes então de "bater o martelo" com escolha da cidade, fizemos um estudo do tempo e custo de transporte do aeroporto mais próximo (Guarulhos) até Campos. Ambos se mostraram muito próximos ao que seria se o Encontro fosse realizado na cidade de São Paulo. Como o caminho do aeroporto até Campos não passa pela cidade de São Paulo (o aeroporto é junto à saída para a rodovia Carvalho Pinto), não há trânsito, o que torna a viagem relativamente rápida e econômica. Fechamos então acordo com uma empresa de transporte para oferecer *transfer* de Guarulhos a Campos, o que viabilizou que o Encontro fosse realizado na cidade.

Divulgada a cidade e a reserva de hotéis com antecedência, restava definir os valores da anuidade e do Encontro... Estávamos avançados com relação ao tempo e alguns orçamentos importantes da estrutura do Encontro ainda não haviam sido definidos. Mas precisávamos disponibilizar a abertura das inscrições. Calculamos os valores com base nos custos do Encontro de 2009, com o desconto relativo às negociações já realizadas para o próximo. Tomamos como base a participação mínima de 1000 pessoas, sendo que o Encontro deveria ser custeado exclusivamente pelo valor das inscrições (sem comprometer a anuidade). Havia também a questão dos estudantes de pós-graduação. Até então a condição de estudantes de pós dava a possibilidade de pagamento da anuidade da Associação e do Encontro com o mesmo valor do estudante de graduação. Entretanto, havia um número grande de solicitações de estudantes de pós-graduação que haviam pago sua anuidade como estudantes e que, profissionais que são, reivindicavam sua inclusão na lista de associados como profissionais. Junto a isso, no planejamento de custos do Encontro nos deparamos com uma proporção de mais de 60% de participantes que pagavam o valor de estudante, o que favorecia o estudante de pós, mas inflava os custos de ambos, o estudante de graduação e o profissional. Para solucionar esse problema, criamos uma categoria intermediária, "estudante de pós". A inclusão como estudante de pós reconhece a sua justa condição de profissional sem, no entanto, lhe atribuir os valores cobrados do sócio profissional que, sabemos, seriam muito elevados para eles.

Passadas algumas semanas, já com novos orçamentos e novas negociações na cidade de Campos, pudemos constatar, aliviados, que nossos custos seriam um pouco mais acessíveis que o inicialmente previsto. Com isso, pudemos oferecer um maior desconto para grupos e para estudantes de outros estados, alívio também para aqueles que gostariam de participar do encontro mas não podiam arcar com os valores inicialmente propostos.

Em meio a tantas tarefas, decisões e negociações, não posso deixar de apontar os muitos parceiros que foram surgindo. Dante (jornalista e psicólogo) e Jan (psicólogo e multitalentos) aceitaram com entusiasmo a função de editores deste Boletim. Maria Wang – jornalista e doutoranda em análise do comportamento – aderiu posteriormente à equipe, trazendo seu amplo conhecimento à Comissão de Comunicação. Professor Sérgio Luna aceitou somar à sua já intensa agenda a difícil tarefa de coordenar a Comissão Científica do XIX Encontro. A ele se juntou um grupo de colegas de seriedade e competência admiráveis, Cláudia, Deniges, Dhayana, Lívia, Natália, Nicodemos, Ricardo e Thaís, que assumiram a equipe executiva da Comissão. Gabriel, contribuindo com seu conhecimento em hotelaria, topou assumir comigo a coordenação geral, no que contamos com a ajuda da animada dupla Victor e Emerson. Tatiana e Marina abraçaram com afinco a missão de angariar apoio de instituições afiliadas. Lygia, apesar de todas as suas reservas, aceitou sem titubear o meu pedido de ajuda para coordenar a equipe de divulgação e captação de patrocínios, e a ela somaram-se os vários amigos que aceitaram colaborar na equipe: Alda, Gisa, Ana Beatriz, Bia, Cândido, Natália e Sueli. Joana Singer, parceira de várias jornadas, assumiu com disposição e o bom humor habitual a coordenação do trabalho de monitoria, contando com apoio e dicas inestimáveis de Silvio Botomé e Olga Kubo. Embora os trabalhos ainda estejam em andamento e haja muitos desafios pela frente, posso garantir que, sem esses parceiros, a organização do Encontro seria impossível.

Com uma equipe de colaboradores (que cresce a cada dia) e o empenho de toda a diretoria, os trabalhos seguem em ritmo acelerado. O XIX Encontro já não é mais uma mera idéia... está tomando forma e a cada dia novos detalhes lhe são adicionados, formando um conjunto sólido

e consistente. Já temos, cinco meses antes da abertura, cerca de 700 participantes inscritos. Com as inscrições abertas, as submissões de trabalhos não param. Dezenas de convidados brasileiros já confirmaram sua participação e vários temas de palestras e mesas redondas já foram definidos. Estamos negociando a participação de convidados internacionais e, em breve, traremos boas notícias a esse respeito.

O tempo urge e já estamos trabalhando na organização do XX Encontro da ABPMC. Muito em breve, traremos notícias sobre ele. Para que o evento seja mais uma vez um sucesso, contamos ainda com a colaboração dos profissionais, pesquisadores, alunos e pós-graduandos que trabalham com a orientação comportamental e cognitivo-comportamental, submetendo seus trabalhos, participando, comentando e apontando nossos erros e acertos. A ABPMC é nossa. O Encontro também é nosso.



Desenredamento autorreflexivo e ativação comportamental: Chaves para a terapia¹

Marino Pérez-Álvarez²

Uma nova geração, onda ou *look* de terapias psicológicas aflorou nos últimos tempos (Pérez-Álvarez, 2006). Refiro-me, em particular, a terapias comportamentais e cognitivas, frequentemente fundidas e confundidas com terapia cognitivo-comportamental. As terapias comportamentais desta nova tendência resguardam afinidades com terapias tradicionais de outras orientações (Pérez-Álvarez, 2001). Tais afinidades não devem ser compreendidas como uma *queda* da terapia comportamental no território de outras terapias nem como uma mera integração, mas como uma “afinidade eletiva” goethiana que transforma as formas anteriores em uma nova. Também não se trata, a rigor, de uma nova terapia, nunca vista, na medida em que contém saberes conhecidos, embora com uma forma diferente de entender os problemas psicológicos e seu tratamento, para além das formas convencionais.

As novas terapias às quais estou mais concretamente me referindo são a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) (Pérez-Álvarez, 1996) e a Terapia de Ativação Comportamental (AC) (Pérez-Álvarez, 2007). A ACT e a AC não são as únicas terapias desta tendência e também não se poderia dizer que a ACT é propriamente nova, tendo em vista sua expansão nos últimos anos. De toda forma, estas duas terapias são as que provavelmente representam e personificam melhor a nova onda ou, como prefiro dizer, a metamorfose da psicologia clínica e também da psiquiatria, ao que lhe diz respeito.

Chaves para a terapia

A meu ver, são duas as chaves destas terapias e, ainda me atreveria a dizer, de toda terapia que se preze: o desenredamento autorreflexivo e a ativação comportamental.

No caso destas terapias, o desenredamento consiste principalmente na aceitação como alternativa à evitação (uma forma de enredamento). A ACT contém a aceitação em seu nome e a AC a inclui em seu procedimento. Por sua vez, a ativação consiste basicamente em fornecer para a pessoa um papel ativo na modificação das circunstâncias de sua vida ao invés de consumir-se na luta contra os “sintomas” (um esforço muitas vezes contraproducente). A AC contém a ativação em seu nome e, por sua vez, a ACT a inclui sob o título de compromisso.

A ideia é desativar o processo autorreflexivo que caracteriza em boa medida todos os problemas psicológicos e reativar a pessoa sobre um horizonte de possibilidades de maneira que recobre o sentido da vida, ou seja, sua direção e significado. Estende-se que este é um processo dialético no qual a desativação ou desenredamento facilita a reativação ou implicação na vida e esta, por sua vez, facilita o desenredo autorreflexivo. Um slogan desta ideia poderia ser “descentre-se de si mesmo e centre-se na vida”, posto que há um ponto no qual estar demasiadamente atento a si mesmo é mais o caminho para um problema do que a via para uma solução. Um suposto adicional é que o cenário onde se desenvolve a vida é o mundo dentro do qual se está e não o mundo dentro de si. Se eu sou eu e minhas circunstâncias, para que me salve, continua Ortega, tenho que salvar as circunstâncias. Não há eu sem circunstâncias, ou seja, sem instâncias circundantes e sem eventuais problemas (contingência e drama). Contingência e drama (Pérez-Álvarez, 2004) são dois bons termos para dar conta das vicissitudes da vida.

A importância terapêutica *chave* que atribuo ao desenredamento autorreflexivo tem sua base na tese, mais do que na hipótese, que sustento sobre o papel decisivo e, diria ainda, causal que uma reflexividade excessiva exerce no desenvolvimento e manutenção de boa parte da maioria dos problemas (Pérez-Álvarez, 2008).

1 Artigo originalmente publicado em *Prolepsis*, nº 0, 2008, pp. 17-23. Tradução realizada por Yara Nico.

2 Catedrático de Psicopatologia e Técnicas de Intervenção da Universidade de Oviedo (ESP).

A hiper-reflexividade como condição patológica

A reflexividade excessiva ou hiper-reflexividade não seria a causa original dos transtornos mentais. Estes derivariam, de acordo com a mesma tese, dos problemas da vida (conflitos, perdas, frustrações, decepções, incertezas, etc.). O que a hiper-reflexividade faz é converter problemas da vida em transtornos mentais propriamente ditos. A reflexividade é uma faculdade distintiva e distinta do ser humano. De fato, espera-se que as pessoas sejam reflexivas e autoconscientes. Frequentemente, inclusive, sente-se falta que alguém não seja mais reflexivo do que é.

Porém, a reflexividade é paradoxal: se, por um lado, dignifica a vida tornando a pessoa autoconsciente; por outro, pode complicá-la tornando-a demasiadamente consciente de si mesma. Como advertiu Nietzsche e assim muitos o experimentaram e deixaram escrito, certamente muito bem escrito, a consciência de si mesmo carrega um perigo e uma enfermidade. O *homem do subsolo*³, de Dostoiévsky, protótipo do homem psicológico moderno, declara que uma grande enfermidade é ser demasiado consciente de si mesmo, como enfermos da consciência seriam Kafka e Pessoa. Assim, Pessoa no *Livro do Desassossego*⁴ diz que o mal da vida é a enfermidade de ser consciente. Estes autores da literatura modernista anteciparam o que os psicólogos e psiquiatras atuais descrevem na literatura clínica.

A reflexividade excessiva ou hiper-reflexividade está reconhecida na psicopatologia atual por meio de diferentes conceitos, tais como atenção autofocalizada, ruminação, pensamentos automáticos, metacognição, preocupação, auto-observação (como "espectador de si mesmo", na terapia sexual de Masters & Johnson⁵),

3 N.T.: Personagem-narrador do livro *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévsky. No Brasil, a primeira edição da obra foi lançada em 2008 pela Editora 34 (SP), com tradução de Boris Schnaiderman.

4 N.T.: Escrito por Bernardo Soares, heterônimo de Fernando Pessoa, o *Livro do Desassossego* foi originalmente publicado em 1982 pela editora Ática, de Lisboa (PRT).

5 N.T.: Em 1966 e 1970, Masters e Johnson publicaram, respectivamente, os livros *A Resposta Sexual Humana* e *A Inadequação Sexual Humana*, produtos de uma investigação científica das respostas fisiológicas da sexualidade masculina e feminina. As obras permitiram o

auto-objetivação, autoconsciência e, claro, hiper-reflexividade. Prefiro o termo hiper-reflexividade porque, sem deixar de ter um sentido psicopatológico, tem um maior alcance, cultural e filosófico (como também teria hiper-consciência), que outros termos não possuem por estarem concebidos como meros modelos clínicos.

Dentro desta variedade de conceitos, distingue-se entre autoconsciência privada e pública. Enquanto a autoconsciência privada se refere à tendência de um indivíduo a centrar-se nos sentimentos e pensamentos como experiência íntima, a autoconsciência pública refere-se à tendência de um indivíduo a centrar-se nos seus próprios aspectos como objeto social. O ponto para a consideração da autoconsciência como privada ou pública é a implicação ou não do olhar, reação ou valoração dos demais. A autoconsciência privada supõe uma atenção centrada nos próprios eventos privados (sentimentos, pensamentos, sensações corporais) e na análise de si mesmo (autoabsorção, preocupação) sem que esteja especialmente presente o olhar dos outros. De modo contrário, a autoconsciência pública supõe uma atenção sobre si mesmo em função do olhar dos demais como, por exemplo, ao estar focado em produzir uma boa impressão, imagem ou especialmente preocupado com o que os demais pensam de ti. O protótipo da autoconsciência privada é a ruminação de pensamentos e, da pública, a auto-objetivação, na qual o próprio corpo é objeto de atenção dando lugar à experiência de ser tratado *como um corpo*.

Particularmente, a auto-objetivação refere-se à internalização do olhar dos demais sobre si próprio como objeto sexualmente atrativo, em acordo com o que ocorre na galopante sexualização das meninas, como constatou um informe da American Psychological Association (2007). As meninas e mulheres, de acordo com este conceito, podem, em alguma medida, chegar a verem-se como objetos apreciados por seu atrativo, o que supõe uma perspectiva peculiar do eu, que conduz a uma autoconsciência caracterizada pela contínua atenção à aparência do corpo (Fredrickson & Roberts, 1997). A questão é que a auto-objetivação pode estar na base da quantidade de problemas psicológicos que afetam meninas e mulheres da sociedade atual, en-

desenvolvimento de técnicas em terapia sexual utilizadas até hoje por profissionais da área clínica.

tre eles a depressão, a ansiedade, a anorexia, a identidade, a autoestima, o bem-estar, etc.

A hiper-reflexividade, descrita sob um ou outro conceito, ocorre praticamente em todos os transtornos psicológicos. Resulta difícil encontrar um transtorno no qual esta não participe de alguma maneira, se bem que é mais fácil percebê-la em uns do que em outros como, por exemplo, na depressão e na ansiedade. Em outros como a mania, a psicopatia e a esquizofrenia não são tão evidentes, ainda que não estejam menos presentes.

A mania, a psicopatia e a esquizofrenia

É possível que na mania e na hipomania, a ruminação tenha um papel tão relevante como na depressão. A ruminação no caso da mania consistiria na focalização nos afetos positivos, ao pensar sobre como me sinto feliz, forte, enérgico e quão bom sou. Esta focalização centra-se mais no estado afetivo positivo do que nas próprias habilidades para responder a tal estilo e às metas a ele associadas, no que o maníaco seria certamente irreflexivo, em sentido comum. A sensação de energia e bom-humor parece servir para as pessoas maníacas e hipomaníacas como evidência de que podem conseguir mais.

A psicopatia, embora tenha um estilo orientado exteriormente e evite a introspecção, não deixa de consistir em alguma maneira de hiper-reflexividade. A orientação à realidade externa, tratando de produzir malefícios e de aproveitar-se impunemente destes, pode ser na realidade reflexo de uma excessiva atenção ao eu. Assim, uma excessiva autoconsciência ou autossentimento, seja de frustração ou ódio ou de desejos e ânsias, e talvez de ambas as coisas, pode estar implicada na psicopatia. Pode-se dizer que uma excessiva presença de alguém para si mesmo se interpõe entre este alguém e os demais. O egocentrismo frequente na psicopatia estaria evidenciado nessa consideração. Os psicopatas seriam irreflexivos do ponto de vista da consciência social, mas hiper-reflexivos do ponto de vista de seu egocentrismo.

Na esquizofrenia, a hiper-reflexividade ocorre sobretudo como objetivação mórbida de processos implícitos do funcionamento psicológico. De fato, de acordo com uma concepção fenomenológica, a esquizofrenia é entendida como um transtorno da consciência de si mesmo e do mundo, caracterizado pela crise do sentido co-

mum, entendido como a evidência natural e o mundo propriamente dito. Para um desenvolvimento desta perspectiva ver, por exemplo, Pérez Álvarez e García Montes (2006).

Onde cresce o perigo também cresce o remédio

Seria possível pensar que a hiper-reflexividade é um processo resultante ou concomitante ao transtorno, ao invés de ser sua condição e de ter o papel causal que sugeri. Estamos deprimidos ou ansiosos e, então, ruminamos e nos preocupamos, o que sem dúvida também ocorre. Mas, a questão é que a ruminação e a preocupação podem ter um papel causal, determinante, e não meramente resultante ou concomitante. As pessoas com um estilo ruminante, se é possível dizer assim, costumam converter um acontecimento potencialmente deprimente em uma depressão, enquanto os não ruminantes acabam sem tal patologização. Numerosos estudos mostram que as pessoas com estilos ruminantes convertem mais facilmente problemas da vida em depressões de fato (Nolen-Hocksema, 2000, 2004).

Por seu turno, o “treinamento” em atenção focalizada em si mesmo induz um estado de humor negativo, o que não ocorre quando a atenção é focalizada na tarefa. Esta diferença entre a atenção focalizada no eu ou na tarefa indica que a reflexividade pode ser patógena ou adaptativa. Todavia, é necessário matizar mais. Uma reflexividade centrada em si mesmo, mas não analítica, sem tratar de controlar ou evitar a experiência, pode ser adaptativa, enquanto a reflexividade analítica centrada em si mesmo, tratando neste caso de escutar, controlar ou evitar a experiência, pode ser patógena. O conceito de evitação experiencial da ACT ou de evitação comportamental, como costuma dizer a AC, é um exemplo de reflexividade patógena.

O papel paradoxal da autoconsciência apresentado antes reaparece na literatura clínica. A diferença no papel da reflexividade (patógena/adaptativa) sugere seu uso terapêutico. A atenção dirigida à tarefa ao invés de a si mesmo, ou dirigida a si mesmo mas de maneira não-analítica e sim experiencial (por exemplo, aceitação e “mindfulness”), abre caminho à solução terapêutica aqui denominada desenredamento. Uma saída do desenredamento autorreflexivo é mais terapêutica na medida em que for acompanhada da ativação comportamental. Como diz

Hölderlin⁶, seguindo uma longa tradição, ali onde cresce o perigo, cresce também o que o salva. Neste caso, a aceitação da própria experiência e/ou a reorientação para fora de si mesmo.

Isto nos leva da psicopatologia à terapia. Se a hiper-reflexividade exerce um papel determinante na psicopatologização dos problemas da vida, como sugere-se aqui, então o desenredamento autorreflexivo (deixando de lutar contra os sintomas) junto com a ativação comportamental (retomando o curso da vida) se oferecem como chaves para a terapia, desde logo, destas novas teorias que são tomadas aqui como referências (ACT e AC) e, diria ainda, de toda terapia, ao menos de toda terapia que não se enreda ela mesma em análises e análises de experiências, eventos e processos psicológicos que, sem dúvida, seria interminável, cada vez com mais espessura e massa psicológica. Isto pode ocorrer em terapias, diríamos, psicologizantes e ocorre de forma gratuita na vida cotidiana, ela mesma psicologicamente reflexiva. A própria cultura clínica mundana atual é ela mesma uma fonte de reflexividade patógena, considerando aqui não apenas a literatura de autoajuda.

Portanto, a hiper-reflexividade não seria apenas um processo psicológico pessoal, individual, mas também institucional, coletivo. De fato, a sociedade moderna caracteriza-se pela reflexividade institucional, de acordo com Giddens (1994), onde a vida cotidiana incorpora os conhecimentos dados sobre algo, modificando seu estado inicial. Os transtornos psicológicos, longe de serem classes naturais, são classes interativas (práticas ou construídas), de modo que estão sob influência dos conhecimentos que se tem sobre eles e os procedimentos por meio dos quais são estudados. Esta é a razão pela qual se inventam tantos transtornos mentais fazendo com que passem como se fossem uma enfermidade qualquer a mais, uma espécie de "efeito Charcot" (González-Pardo & Pérez-Álvarez, 2007).

Chave para a superação do modelo médico de psicoterapia

As chaves terapêuticas aqui especificadas (desenredamento autorreflexivo e ativação comportamental) representam o caminho para a supe-

ração do modelo médico ou do déficit adotado pela psicologia clínica quando realizada à imagem e semelhança da psiquiatria, esta, por sua vez, mimetizando-se como especialidade médica que trataria de enfermidades como quaisquer outras. Frente ao modelo médico de psicoterapia, propõe-se um modelo contextual com base na pessoa. Para uma comparação do modelo médico e do modelo contextual de psicoterapia ver, por exemplo, González-Pardo e Pérez-Álvarez (2007) e COP (2008).

Em relação ao que cabe destacar agora, o desenredamento junto com a ativação são propostos como maneira de modificar a relação com as contingências ambientais (relações interpessoais, circunstâncias pessoais, etc) e com os próprios eventos privados (experiências, pensamentos, etc). Assim, a ativação comportamental dirigida, por exemplo, à alteração da relação que um indivíduo mantém com a "situação depressógena" que, por sua vez, mantém o indivíduo deprimido, resulta numa terapia mais eficaz para a depressão (Pérez-Álvarez, 2007) e, por sua vez, a alteração na relação com as vozes oferece-se como uma nova perspectiva terapêutica das alucinações (Pérez-Álvarez, García-Montes, Perona-Garcelán & Vallina-Fernández, 2008; Veiga-Martínez, Pérez-Álvarez & García-Montes, 2008). Por fim, sem dúvida estamos na presença de uma nova geração de terapias psicológicas e, provavelmente, de toda uma metamorfose da psicologia clínica.

Referências

- American Psychological Association (2007). Report of the Task Force on the Sexualization of Girls. Retirado de <http://www.apa.org/pi/wpo/sexualization.html>
- COP (2008). Programa de Formación Continuada a Distancia en Psicología (FOCAD). Tema: Las terapias de conducta de tercera generación, como modelo contextual de psicoterapia [Autor: M. Pérez-Álvarez]. Retirado de <http://www.cop.es/focad/>
- Fredrickson, B. L., & Roberts, T. A. (1997). Objectification theory: Toward understanding women's lived experience and mental health risks. *Psychology of Women Quarterly*, 21, 173-206.
- Giddens, A. (1994). *Modernidad e identidad del yo. El yo y la sociedad en la época contemporánea*. Barcelona, Espanha: Península.

6 N.T.: Poeta alemão nascido em 1770, Hölderlin se notabilizou pela tradução de importantes peças de Sófocles, como *Édipo Rei* e *Antígona*.

- González Pardo, H., & Pérez-Álvarez, M. (2007). *La invención de trastornos mentales ¿Escuchando al fármaco o al paciente?* Madrid, Espanha: Alianza.
- Nolen-Hocksema, S. (2000). The role of rumination in depressive disorders and mixed anxiety/depressive symptoms. *Journal of Abnormal Psychology, 109*, 504-511.
- Nolen-Hocksema, S. (2004). *Mujeres que piensan demasiado: cómo evitar los pensamientos repetitivos y vencer la ansiedad*. Barcelona, Espanha: Paidós.
- Pérez-Álvarez, M. (1996). *La psicoterapia desde el punto de vista conductista*. Madrid, Espanha: Biblioteca Nueva.
- Pérez-Álvarez, M. (2001). Afinidades entre las nuevas terapias de conducta y las terapias tradicionales con otras orientaciones. *Revista Internacional de Psicología Clínica y de la Salud, 1*, 15-33.
- Pérez-Álvarez, M. (2004). *Contingencia y drama. La psicología según el conductismo*. Madrid, Espanha: Minerva.
- Pérez-Álvarez, M. (2006). La terapia de conducta de tercera generación. *eduPsikhé, 5*, 159-172.
- Pérez-Álvarez, M. (2007). La activación conductual y la desmedicalización de la depresión. *Papeles del Psicólogo, 28*(2), 97-110.
- Pérez-Álvarez, M. (2008). Hyperreflexivity as condition in mental disorders: A clinical and historical perspective. *Psicothema, 20*, 181-187.
- Pérez-Álvarez, M., & García-Montes, J. M. (2006). Entendimiento filosófico de la esquizofrenia. *Apuntes de Psicología, 24*, 11-29.
- Pérez-Álvarez, M., García-Montes, J. M., Perona-Garcelán, S., & Vallina-Fernández, O. (2008). Changing relationship with voices: New therapeutic perspectives for treating hallucinations. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 15*, 75-85.
- Veiga-Martínez, C., Pérez-Álvarez, M., & García-Montes, J. M. (2008). Acceptance and commitment therapy applied to treatment of auditory hallucinations. *Clinical Case Studies, 7*, 118-135.



Comportamento humano e desenvolvimento sustentável: Caminhos possíveis

Djenane Brasil da Conceição¹

A análise experimental do comportamento mostrou claramente que o que importa não é a quantidade de bens . . . mas a relação contingente entre bem e comportamento. E isso explica, para espanto do turista norte-americano, a existência, no mundo, de pessoas mais felizes do que nós, embora possuindo bem menos. (Skinner, 1948/1978, p. XII)

O objetivo geral do presente trabalho é analisar alguns aspectos do comportamento humano associando-os ao conceito de desenvolvimento sustentável, assim como discutir a importância da ciência e da tecnologia comportamental para o projeto de um mundo habitável para gerações futuras. Assim, pretende-se definir e analisar alguns conceitos ligados ao comportamento humano e ao desenvolvimento sustentável e algumas das contribuições da análise do comportamento e do behaviorismo radical para a construção de um mundo futuro relativamente parecido com o existente hoje. Questões como essas têm sido objeto de interesse de analistas do comportamento nas últimas décadas e sua compreensão envolve análise e modificação de práticas culturais (Todorov & Moreira, 2004).

A importância da presente análise justifica-se pela existência, hoje, de graves e potencialmente irreversíveis problemas ambientais, econômicos e sociais decorrentes da ação de seres humanos sobre a natureza, notadamente pelo uso inadequado de recursos do planeta. A ciência e a tecnologia têm avançado significativamente em diversas áreas do conhecimento – como medicina e sistemas de informação – mas atenção secundária, quando muito, tem sido conferida aos avanços e às possibilidades oferecidos pela análise do comportamento para o enfrentamento de questões sociais importantes como as envolvidas no conceito de sustentabilidade.

Se grande parte dos problemas enfrentados hoje, e a serem enfrentados no futuro, envolve comportamento humano, questões sobre previsão e controle do comportamento (e não só a descrição do comportamento do comportamento esperado) têm de entrar na pauta das discussões acerca do desenvolvimento sustentável. Dito de outra forma, o planejamento e a execução de medidas de preservação ambiental e de redistribuição de recursos exigem ampliar a compreensão de comportamentos humanos complexos e depende de se estabelecer consequências fortalecedoras para comportamentos que estejam de acordo com os princípios da sustentabilidade do planeta.

Esta discussão pode ser orientada por algumas questões propostas por Skinner (1948/1978), como: Seremos capazes de deixar um mundo habitável, tal como o conhecemos hoje, para as gerações futuras? Como poderemos fazê-lo? Qual a relação entre este mundo futuro habitável e o comportamento humano? Qual a relação entre o behaviorismo, a análise do comportamento e as questões sociais ligadas à construção de um mundo melhor? Para tentar analisar essas questões realizamos um estudo teórico, sem a pretensão de ser conclusivo, para estimular as discussões em torno do tema sustentabilidade e análise do comportamento.

Considera-se que Skinner discute, formula ou subsidia a formulação de questões, como as citadas, precocemente, especialmente se o período de suas formulações sobre o tema for comparado com a época em que começaram a surgir conceitos sobre meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Já em 1945 Skinner re-

¹ Professora e pesquisadora do Centro de Ciência da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

fletia sobre, e procurava analisar, problemas que hoje afligem a humanidade. Suas preocupações nesse sentido revelam-se de forma explícita, por exemplo, em *Walden II: Uma Sociedade do Futuro* (1948/1978).

Para se ter ideia do pioneirismo de Skinner a esse respeito, o Clube de Roma foi fundado em 1968 por Aurelio Peccei e Alexander King, portanto 20 anos depois de Skinner publicar a primeira edição de *Walden II*. O Clube de Roma publicou um relatório importante, intitulado "Os Limites do Crescimento", sobre o desenvolvimento da humanidade, elaborado sob sua encomenda, pelo Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT) em 1972. Somente em 1987 a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) adotou o conceito de desenvolvimento sustentável no relatório "Nosso Futuro Comum", também chamado Relatório Brundtland. Em 1992, durante a Rio-92, representantes das nações presentes no evento propuseram novos modelos políticos e um conjunto de estratégias para o desenvolvimento sustentável. Pode-se definir desenvolvimento sustentável como:

O desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro. Essa definição surgiu na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar dois objetivos: o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental. (WWF, s.d.)

O conceito de desenvolvimento sustentável envolve a manutenção do equilíbrio entre as dimensões econômica, social, cultural e ambiental, que podem ser afetadas diretamente pela relação de seres humanos com o ambiente. Implica atender às necessidades das sociedades e expressar seu maior potencial no presente e, ao mesmo tempo, preservar a biodiversidade e ecossistemas naturais, de forma a possibilitar a existência das próximas gerações (ver verbe *sustentabilidade* na Wikipédia). Segundo o Relatório Brundtland (1987/1991), "para que haja um desenvolvimento sustentável é preciso

que todos tenham atendidas suas necessidades básicas e lhes sejam proporcionadas oportunidades de concretizar suas aspirações a uma vida melhor" (p. 47).

À parte as diferenças, considera-se que o tema desenvolvimento sustentável é abordado pela análise do comportamento e pelo behaviorismo pelo menos desde Skinner (1948/1978), e que aspectos ligados ao conceito de desenvolvimento sustentável constituem parte significativa a ser considerada na construção de um mundo melhor, conforme proposto por Skinner em *Walden II*. Por mundo melhor entende-se um mundo com menos problemas econômicos, sociais, ambientais, por exemplo. Um mundo com recursos mais bem distribuídos, com bem-estar, qualidade de vida, lazer, arte, trabalho reforçador para a grande parcela ou a totalidade da população.

A construção de um mundo assim caracterizado implica, em alguma medida, a compreensão e aplicação de princípios relacionados ao desenvolvimento sustentável, assim como princípios do comportamento humano, visando à redução ou eliminação de graves problemas que atualmente afligem a humanidade, tais como: possibilidade de esgotamento de recursos naturais, poluição ambiental, superpopulação, necessidade de conservação de energia, necessidade de reciclagem e reaproveitamento de materiais, produção de excedentes, baixa qualidade do ar e da água, miséria, efeito estufa, violência. Acredita-se que a maior parte desses problemas tem relação direta com o modelo tradicional de desenvolvimento, que enfatizou a dimensão econômica nas atividades de produção e relegou questões relativas ao equilíbrio social e ambiental. Considera-se que uma adequada compreensão do fenômeno, assim como a intervenção no âmbito do comportamento humano, pode (e deve) produzir contingências capazes de contribuir para práticas culturais compatíveis com a sobrevivência do planeta e da humanidade.

Skinner, um dos principais representantes do behaviorismo radical e da análise do comportamento, formulou o modelo de seleção por consequências (Skinner, 1981) e outros conceitos importantes como o de *operante*, cuja compreensão é fundamental para o planejamento e o estabelecimento de novas práticas culturais. O comportamento operante é aquele que "produz algum efeito no mundo ao redor. . . . As con-

sequências do comportamento podem retroagir sobre o organismo. Quando isso acontece, podem alterar a probabilidade do comportamento voltar a ocorrer novamente” (Skinner, 1953/1989, p. 68). Assim, comportamento operante é aquele que age sobre o meio e, por sua vez, sofre os resultados de sua ação. Comportamento operante modifica o meio e é por ele modificado. As consequências da ação podem ser reforçadoras, punidoras ou neutras. Consequências reforçadoras são aquelas que, quando apresentadas de forma contingente ao comportamento, aumentam a probabilidade daquele comportamento voltar a ocorrer diante de situações semelhantes no futuro. Chama-se contingência a relação funcional entre o comportamento e as variáveis ambientais que o controlam.

Skinner ousou extrapolar conhecimentos produzidos no laboratório, por meio de pesquisas experimentais com animais, para análises cuidadosas sobre o comportamento humano complexo. Entendia que ciência e tecnologia têm papel importante na concretização do projeto da criação de um mundo habitável para gerações futuras. Segundo o autor,

os métodos da ciência têm tido um sucesso enorme onde quer que tenham sido experimentados. Apliquemo-los, então, aos assuntos humanos. Não precisamos nos retirar dos setores onde a ciência já avançou. É necessário apenas levar nossa compreensão da natureza humana até o mesmo grau. Na verdade, esta é nossa única esperança. (Skinner, 1953/1989, p. 19)

Grande parte da ciência e da tecnologia produzida pela análise do comportamento ocorreu pela realização de experimentos laboratoriais envolvendo organismos infra-humanos. Nessa perspectiva defende-se a continuidade entre espécies e, portanto, a compreensão de organismos mais simples é considerada um passo crucial para a compreensão de comportamento humano. Além disso, a pesquisa com infra-humanos oferece outras vantagens, como maior controle experimental em comparação com pesquisas com humanos. Na perspectiva analítico-comportamental acredita-se, ainda, que o comportamento é determinado e deve ser analisado considerando-se três níveis de seleção: filogenético, ontogenético e cultural (Skinner, 1981).

Embora não haja consenso na análise do comportamento sobre a definição e a forma de análise do conceito de prática cultural, podemos compreendê-lo como usos e costumes vigentes em um grupo (Skinner, 1953/1989). Segundo Skinner, “no sentido mais amplo possível, a cultura na qual um indivíduo nasce compõe-se de todas as variáveis que o afetam e que são dispostas por outras pessoas” (p. 392). Para Baum (1999), são necessários dois pré-requisitos para que se possa afirmar a existência de uma cultura: (1) a existência de uma sociedade e (2) a capacidade dos membros do grupo de aprender uns com os outros, particularmente por meio do reforço social. Assim, Baum define cultura como “comportamento aprendido de um grupo. Consiste no comportamento operante tanto verbal como não verbal, adquirido como resultado de pertencer a um grupo” (p. 245). Glenn (conforme citado em Andery & Sérgio, 2005) amplia esta discussão ao estabelecer relações entre os conceitos de prática cultural e metacontingência, afirmando que “uma prática cultural é um subconjunto de contingências entrelaçadas de reforçamento e uma cultura é feita de muitos subconjuntos desse tipo” (p. 154).

Desde a década de 1980, a análise de práticas culturais pode ser realizada adotando-se o conceito de metacontingências (Glenn, 1986/2005). De acordo com Moreira (2005), as práticas culturais envolvem comportamentos de vários indivíduos de um mesmo grupo ou sociedade. Essas contingências, quando entrelaçadas (i.e., quando produzem uma consequência comum ao grupo), podem então ser chamadas de metacontingência. Nos termos de Glenn (1986/2005):

A metacontingência é a unidade de análise que descreve a relação funcional entre uma classe de operantes, cada operante possuindo sua própria consequência imediata e única, e uma consequência a longo prazo comum a todos os operantes que pertencem a metacontingência. Metacontingências devem ser mediadas por contingências de reforçamento socialmente organizadas. (p. 14)

Assim, na perspectiva do behaviorismo e da análise do comportamento, as ações de indivíduos em um grupo, que produzem dupla consequência (uma única e imediata e outra comum

no médio/longo prazo), podem ser chamadas de metacontingência. Analisar questões sobre desenvolvimento sustentável conforme o conceito de metacontingência pode ampliar sobremaneira a compreensão do fenômeno e contribuir com o planejamento de medidas para o desenvolvimento econômico com equilíbrio sócio-ambiental.

Conforme destacado, problemas sociais, como os mencionados, estão diretamente relacionados a modos de produção e ao uso dos recursos disponíveis no planeta. Demonstrou-se que esse modelo de desenvolvimento vem sendo questionado há algum tempo por analistas do comportamento, assim como por estudiosos de outras áreas. Se, por um lado, Brundtland (1987/1991) afirma que “as necessidades são determinadas social e culturalmente, e o desenvolvimento sustentável requer a promoção de valores que mantenham os padrões de consumo dentro dos limites das possibilidades ecológicas a que todos podem, de modo razoável, aspirar” (p. 47). Por outro, Skinner (1948/1978) é categórico ao afirmar:

Algumas poucas nações altamente industrializadas não podem continuar a olhar o resto do mundo consumindo e poluindo o ambiente como o fazem. Um modo de vida no qual todas as pessoas utilizassem apenas uma parcela dos recursos do mundo, e de alguma maneira gozassem a vida, seria um passo efetivo no sentido da paz mundial. (p. XVII)

Os fundamentos para a paz mundial ou para a criação de um mundo melhor dependem de comportamentos (individuais e no nível do grupo) que são mantidos agora. No entanto, alguns problemas que podem afetar a humanidade de forma irreversível parecem muito distantes. Certamente é um desafio importante planejar consequências para a seleção de práticas culturais que caminhem em direção a um mundo melhor. No entanto, podemos adotar um de dois caminhos possíveis: (1) não planejar e não experimentar e permitir que o acaso defina o futuro da humanidade; (2) ou podemos tentar trilhar caminhos sugeridos pela análise do comportamento e pelo behaviorismo para estabelecer novas práticas culturais que levem à evolução das culturas numa determinada direção. Alguns princípios propostos por Skinner no prefácio da

edição americana de *Walden II*, de 1969, podem servir como referenciais ou ponto de partida para a discussão aqui proposta. Segundo o autor:

Nenhum modo de vida é inevitável. Examine o seu próprio de perto. . . Se você não gosta dele, mude-o. . . Simplifique suas necessidades. Aprenda com ser feliz com menos posses. . . Construa um modo de vida no qual as pessoas vivam juntas sem brigar, num clima social de confiança ao invés de suspeita, de amor ao invés de ciúme, de cooperação ao invés de competição. . . Reduza o trabalho compulsivo ao mínimo. . . Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente. (Skinner, 1948/1978, p. 1-2)

É certo que o enfrentamento de problemas sociais como os envolvidos no conceito de desenvolvimento sustentável depende de ampliar a compreensão do comportamento humano e do planejamento cultural, conforme Skinner vislumbrou em 1948. Seguindo a tradição skinneriana, é possível afirmar que um caminho a ser seguido para enfrentar grandes problemas atuais que afetam a humanidade envolve planejamento cultural, experimentação e o reconhecimento (para pesquisa e intervenção) de que se trata de modificar comportamentos. O ponto de chegada dependerá da capacidade de diversos grupos que compõem a sociedade de transformar certas contingências e metacontingências predominantes no mundo, hoje, tendo em vista a criação de um mundo melhor: hoje e no futuro, para o grupo.

Com o presente artigo pretende-se também fazer uma provocação, visto que foi elaborado em um momento em que o Brasil se preparava para a 4ª. Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (CNCTI), que teve por tema “Política de Estado para Ciência, Tecnologia e Inovação com vista ao Desenvolvimento Sustentável”. A conferência, realizada no fim de maio de 2010, baseou-se nos seguintes eixos temáticos: (a) Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação; (b) Inovação na Sociedade e nas Empresas; (c) Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Áreas Estratégicas; e (d) Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Social.

Com essa provocação pretende-se enfatizar o compromisso social do analista do comportamento, assim como ressaltar a necessidade de se incluírem estratégias de estudo e de intervenção sobre o comportamento humano na pauta de discussões sobre ciência e tecnologia em nosso país.

Referências

- Andery, M. A. P. A & Sérgio, T. M. A. P. (2005). O conceito de metacontingências: Afinal, a velha contingência de reforçamento é insuficiente? Em J. C. Todorov, R. C. Martone & M. B. Moreira (Orgs.), *Metacontingências: Comportamento cultura e sociedade* (pp. 149-160). Santo André, SP: ESETec.
- Baum, W. M. (1999). *Compreender o behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Brundtland, G. H. (1991). *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro, RJ: FGV. (Trabalho original publicado em 1987)
- Glenn, S. (2005). Metacontingências em Walden Dois. Em J. C. Todorov, R. C. Martone & M. B. Moreira (Orgs.), *Metacontingências: Comportamento cultura e sociedade* (pp. 13-28). Santo André, SP: ESETec. (Trabalho original publicado em 1986)
- Moreira, M. B. (2005). Introdução ao estudo de metacontingências. Em J. C. Todorov, R. C. Martone & M. B. Moreira (Orgs.), *Metacontingências: Comportamento cultura e sociedade* (pp. 161-171). Santo André, SP: ESETec.
- Skinner, B. F. (1978). *Walden II: Uma sociedade do futuro* (2a ed.; R. Moreno & N. R. Saraiva, Trad.). São Paulo, SP: EPU. (Trabalho original publicado em 1948)
- Skinner, B. F. (1989). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953)
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213, 501-504.
- Todorov, J. C. & Moreira, M. (2004). Análise experimental do comportamento e sociedade: Um novo foco de análise. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(1), 25-29.
- Wikipédia. (s.d.). *Sustentabilidade*. Acessado em 26 de maio de 2010. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sustentabilidade>
- WWF. (s.d.). *O que é desenvolvimento sustentável?* Acessado em 26 de maio de 2010. Disponível em http://www.wwf.org.br/informacoes/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel/

Artigos

Contingências de amor e dor na música brasileira

Fabiana Guerrelhas¹ e Maira Cantarelli Baptistussi²

“Se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi”
(*Emoções* - Roberto Carlos)

Uma obra de arte nos serve para diversas finalidades e pode cumprir vários papéis. Além de provocar sentimentos, despertar sensações e descrever as infinitas possibilidades de afetos e emoções, as músicas são manifestações artísticas que funcionam como ótimos recursos terapêuticos e ferramentas valiosas de aprendizagem. Neste artigo, descreveremos algumas análises de músicas brasileiras que foram utilizadas em um processo terapêutico.

Antes mesmo de partirmos para uma análise conceitual de músicas e seu papel em um processo terapêutico, é preciso lembrar um conceito muito importante. Como acabamos de mencionar, música está diretamente ligada à *emoção*. Para Skinner (1989/2006), emoções são vistas como comportamento emocional. Sendo comportamento, envolve necessariamente condições e fatores ambientais em sua determinação. Estão sempre relacionadas a ações que alteram as probabilidades de mudanças no ambiente e a determinados reflexos fisiológicos, sentidos como prazerosos ou desagradáveis. Algumas emoções básicas como raiva, medo e alegria podem ser analisadas a partir do paradigma respondente. Neste caso, evidenciam-se estímulos específicos e respostas por eles eliciadas.

Mas não podemos descrever as emoções simplesmente através deste paradigma, ou seja, a complexidade dos comportamentos emocionais só será completamente entendida a partir do paradigma operante e para isto é preciso identificar: os eventos que antecedem as manifestações emocionais; as respostas fisiológicas que as acompanham e as consequências que seguem as respostas. Ou seja, as manifestações emocionais podem ser explicadas a partir do modelo de seleção por consequências (Guilhardi, 2004; Skinner, 1953/1994; Darwich & Tourinho, 2005; Zamignani & Banaco, 2005).

Para ilustrar melhor a compreensão da emoção, podemos usar como exemplo as relações afetivas que envolvem o que chamamos de amor. No caso do prazer, a probabilidade é de aproximação e no caso da dor de amor, a maior tendência é de afastamento. É importante lembrar que esquemas de reforçamento intermitente fazem com que a necessidade de contato seja mantida, apesar do componente aversivo da relação. Nas interações relacionadas a emoções amorosas, geralmente observamos o controle de contingências de reforçamento positivo, de modo que estas emoções incluem sentimentos de satisfação como a paixão:

Existe, sem dúvida, um elemento reforçador no amor. Tudo o que os amantes fazem no sentido de ficarem juntos ou de evitarem a separação é reforçado por essas consequências, e é por isso que eles passam juntos a maior parte do tempo possível. . . . Eu te amo significa você me dá prazer ou me faz sentir bem. (Skinner, 1989/2006, p. 16)

1 Mestre em Psicologia Clínica pela USP, é docente e supervisora do Psicolog - Instituto de Estudos do Comportamento – e terapeuta analítico-comportamental do Inbio, de Ribeirão Preto.

2 Doutoranda em Psicologia Experimental pela USP, é mestre em Análise do Comportamento pela PUC-SP e especialista em clínica comportamental pela UFSCar.

Se estivermos nos referindo ao amor, falamos de disposição para ação, probabilidade de aproximação, presença de respondentes indicadores de prazer e bem-estar. Numa relação de amor correspondido, são produzidos reforçadores como manifestação de afeto, atenção, cuidado e sensações físicas de muito prazer. Mas nem tudo são flores no terreno amoroso, principalmente quando o controle de estímulos muda, bem como as consequências. Quando o amor acaba, os reforçadores perdem o poder e novas contingências entram em vigor. Começam a operar interações relacionadas a emoções dolorosas, predominando a ocorrência de sentimentos aversivos. Neste caso, podemos avaliar a situação através de contingências de controle aversivo, as quais envolvem impedimento, privação, perda e respondentes ligados a sofrimento como raiva, ira, tristeza e vazio, que acabam por provocar afastamento e, muitas vezes, geram medo e ansiedade (produzidos por eventos aversivos).

As emoções citadas acima são entendidas como tal a partir do paradigma respondente e operante e nomeadas numa comunidade verbal específica. Para a nomeação de uma emoção, é feito um treino de tatos de eventos privados de forma semelhante ao treino de tatos de eventos públicos (Borloti, Fonseca, Charpinel, & Lira, 2009). A aprendizagem dos tatos de eventos privados é fundamental para um indivíduo no sentido de que ele conheça o que sente e em qual contexto, de modo a poder alterar o que é sentido. Um cliente chega à terapia emitindo, dentre vários comportamentos verbais, os tatos de eventos privados, o que permite ao terapeuta compreender os sentimentos básicos vivenciados por aquela pessoa, tanto de amor como de dor.

Quando um cliente procura a ajuda de um terapeuta, ele basicamente relata parte do que compõe a emoção, priorizando muitas vezes a descrição dos sentimentos e eventos encobertos. É nosso papel ir além desta descrição e avaliar todos os elementos ambientais, antecedentes e consequentes, públicos e encobertos, históricos e atuais, verbais, e não verbais responsáveis pela determinação e manutenção das emoções descritas.

A terapia objetiva desenvolver estratégias para interferir nestas interações, para que elas deixem de produzir sofrimento ou que, ao menos, produzam menos dor. Sendo assim, a aprendizagem

de novas maneiras de se relacionar com o mundo físico e social, através de procedimentos terapêuticos, deverá promover mudanças que proporcionarão bem-estar e qualidade de vida.

Os procedimentos desenvolvidos pela análise do comportamento para atingir este objetivo envolvem predominantemente a interação verbal entre cliente e terapeuta. Ou seja, as ações do terapeuta são possíveis estímulos discriminativos e reforçadores relacionados aos comportamentos do cliente, e os comportamentos do cliente, por sua vez, selecionam e alteram as ações do terapeuta. Cliente e terapeuta fazem parte de uma comunidade verbal, na qual o comportamento de um interage com e determina o comportamento do outro. Além disso, parte importante do processo terapêutico envolve ensinar ao cliente as relações de determinação do seu comportamento, ajudando-o a testar novas alternativas de ação, produzindo assim novas consequências e a ampliação de seu repertório comportamental. "Quanto ao manejo dos sentimentos e emoções no processo clínico, o objetivo principal do terapeuta é o de ajudar seus clientes a *entrar em contato com as variáveis controladoras de seus comportamentos* [ênfase adicionada]" (Meyer, 2001, p. 187).

Trabalhar com exemplos de música popular brasileira foi a estratégia utilizada no atendimento a uma mulher de 40 anos, profissional liberal, mãe de dois filhos, durante o processo de separação. Entre namoro e casamento, a relação durou 25 anos. Ela procurou a terapia antes mesmo do término, com o objetivo de "expressar melhor seus sentimentos". Logo de início, ficou evidente o déficit em seu repertório de tatos de eventos privados.

Os objetivos terapêuticos delineados foram: (1) desenvolvimento de repertório de descrição de sentimentos através da ampliação do autoconhecimento e do repertório de autocontrole; (2) melhor manejo da relação conjugal; (3) questionamento de regras rígidas apresentadas por ela, de modo a proporcionar contato com novas contingências.

Para que estes objetivos fossem atingidos e como forma de criar uma "intervenção reforçadora" para a cliente, foram utilizadas análises de músicas no decorrer das sessões. Estas eram selecionadas e sugeridas pela própria cliente e serviram como estímulos para evocar emoções e ilustrar relações de contingências vividas por ela.

A primeira contingência avaliada relacionava-se a uma contingência do passado: o período em que o casal se conheceu, começou a flertar e teve início o namoro. A música selecionada para ilustrar a fase da paixão foi *Você*, de Tim Maia. A música revela a saída de um estado de privação:

*“De repente a dor
De esperar terminou
E o amor veio enfim
Eu que sempre sonhei
Mas não acreditei
Muito em mim
vi o tempo passar
O inverno chegar
Outra vez”*

Além disso, nesta fase havia a produção de reforçadores poderosos, que mantinham respostas em esquema de reforçamento contínuo:

*“Todo pranto sumiu
Um encanto surgiu meu amor
Você
É mais do que sei
É mais que pensei
É mais que eu esperava, baby
Você
É algo assim
É tudo pra mim
É como eu sonhava, baby”*

Após este período, veio a fase de acomodação, que compreende um longo namoro que evolui “naturalmente” para um casamento seguido do nascimento dos filhos. A partir daí, não há muitas novidades no relacionamento além do pouco contato com contingências novas. A música *Eu Sei Que Vou Te Amar*, de Caetano Veloso, ilustra esta fase de confiança, caracterizada pela presença de reforço constante e frequente:

*“Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
A cada despedida eu vou te amar
desesperadamente eu sei que vou te amar
E cada verso meu será
Pra te dizer que eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida”.*

Há outro trecho da música que vai sinalizando a alteração das contingências vividas pelo

casal. Em alguns momentos da relação, falta ocasião apropriada para o reforçamento, o que produz saudade, embora haja esperança já que o reforçamento se apresenta em esquema intermitente.

*“Eu sei que vou chorar
A cada ausência tua eu vou chorar
Mas cada volta tua há de apagar
O que essa tua ausência me causou
Eu sei que vou sofrer
A eterna desventura de viver
A espera de viver ao lado teu
Por toda a minha vida”*

Chegou o momento do desgaste. É revelado um relacionamento extraconjugal do marido. A relação é povoada por desconfianças, mentiras e perseguição por parte da amante. Há, porém, tentativas de reconstrução, por parte dos dois. A condição agora é predominantemente aversiva e recheada de respondentes ligados a sofrimento. Todos os estímulos discriminativos fornecidos pelo marido indicam a perda eminente de reforçadores. Ainda há muita oscilação entre a apresentação e a retirada de reforçadores em esquema intermitente. Imperam sentimentos de raiva e ciúmes, conforme ilustra a música *Grito de Alerta*, de Maria Betânia:

*“Primeiro você me azucrina,
me entorta a cabeça
Me bota na boca um gosto amargo de fel
Depois vem chorando desculpas, assim
meio pedindo
Querendo ganhar um bocado de mel
Há um lado carente dizendo que sim
E a vida da gente gritando que não
Não vê que então eu me rasgo,
engasgo, engulo
Reflito e estendo a mão
Veja bem, nosso caso é uma
porta entreaberta
São tantas coisinhas miúdas,
roendo, comendo
Arrasando aos poucos com o nosso ideal
São frases perdidas num mundo de
gritos e gestos
Num jogo de culpa que faz tanto mal
Veja bem, é o amor agitando meu coração
Vê se entende o meu grito de alerta”*

A separação torna-se inevitável. As emoções que predominam são fracasso e desilusão. Mas os 25 anos de relacionamento e contingências relacionadas à manutenção da família e aos cuidados com os filhos promovem ainda a oscilação entre um relacionamento amistoso e agressivo. A música utilizada para exemplificar esta fase é *Trocando em Miúdos*, de Chico Buarque, a qual descreve a ironia:

*“Eu vou lhe deixar a medida do Bonfim
 Não me valeu
 Mas fico com o disco do Pixinguinha, sim?
 O resto é seu
 Trocando em miúdos, pode guardar
 As sobras de tudo que chamam lar
 As sombras de tudo que fomos nós
 As marcas de amor nos nossos lençóis
 As nossas melhores lembranças
 Aquela esperança de tudo se ajeitar
 Pode esquecer
 Aquela aliança, você pode empenhar
 Ou derreter
 Mas devo dizer que não vou lhe dar
 O enorme prazer de me ver chorar
 Nem vou lhe cobrar pelo seu estrago
 Meu peito tão dilacerado
 Aliás
 Aceite uma ajuda do seu futuro amor
 Pro aluguel
 Devolva o Neruda que você me tomou
 E nunca leu
 Eu bato o portão sem fazer alarde
 Eu levo a carteira de identidade
 Uma saideira, muita saudade
 E a leve impressão de que já vou tarde”*

Junto com o término surgem novos sentimentos e desafios. A perda de reforçadores associados ao casamento é concreta. A contingência atual é de solidão. Para mudar a situação, é necessário administrar as amizades que foram formadas a partir da relação, além de iniciar a busca de novas atividades e afetos. Torna-se muito difícil para ela agir de maneira alternativa dentro deste contexto absolutamente aversivo. Aparecem efeitos claros da extinção e da predominância de controle aversivo, como perda de confiança, desencorajamento, impotência, frustração, vergonha, culpa e agressividade, o que foi ilustrado na música *Detalhes*, de Roberto e Erasmo Carlos. Esta música demonstra uma re-

ação provocada por toda a dor, ou seja, após tanto sofrimento e provavelmente como reação a toda a frustração, a cliente passa a descrever verbalmente para o ex-marido o provável fracasso que terá ao viver sem ela.

*“Não adianta nem tentar me esquecer
 durante muito tempo em sua vida eu
 vou viver
 Detalhes tão pequenos de nós dois
 são coisas muito grandes pra esquecer
 e a toda hora vão estar presentes
 você vai ver
 Se um outro cabeludo aparecer na sua rua
 e isso lhe trazer saudades minhas,
 a culpa é sua
 Se alguém tocar seu corpo como eu,
 não diga nada
 não vá dizer meu nome sem querer à
 pessoa errada
 Eu sei que esses detalhes vão sumir na
 longa estrada
 do tempo que transforma todo amor em
 quase nada
 mas quase também é mais um detalhe
 um grande amor não vai morrer assim
 por isso, de vez em quando você vai
 vai lembrar de mim”*

O processo terapêutico encontra-se em fase de encerramento. O autoconhecimento que a cliente adquiriu através das estratégias utilizadas foi fundamental para que ela alterasse padrões de comportamento ligados ao sofrimento, superasse a dor relacionada ao término da relação, mudasse o controle verbal pelo contato direto com novas contingências e adquirisse assim um novo repertório de interações sociais. A situação atual pode ser definida pela construção de um repertório de maior variabilidade, de modo que está aproveitando as ocasiões para agir de maneira alternativa. Diante disto, a cliente experimentou novas contingências e produziu novos reforçadores, relacionados agora a contextos descritos por ela como felicidade, como canta Ana Carolina em *Prá Rua Me Levar*.

*“Não vou viver, como alguém que só
 espera um novo amor
 Há outras coisas no caminho onde eu vou
 Às vezes ando só, trocando passos com
 a solidão*

Momentos que são meus,
 e que não abro mão
 Já sei olhar o rio por onde a vida passa
 Sem me precipitar, e nem perder a hora
 Escuto no silêncio que há em mim e basta
 Outro tempo começou pra mim agora
 Vou deixar a rua me levar
 Ver a cidade se acender
 A lua vai banhar esse lugar
 Eu vou lembrar você
 É mas tenho ainda muita coisa pra arrumar
 Promessas que me fiz e que ainda
 não cumpri
 Palavras me aguardam o tempo
 exato pra falar
 Coisas minhas, talvez você nem
 queira ouvir
 Já sei olhar o rio por onde a vida passa
 Sem me precipitar, e nem perder a hora
 Escuto no silêncio que há em mim e basta
 Outro tempo começou pra mim agora”

- Skinner, B. F. (2006). *Questões recentes na análise comportamental* (6a ed.; A. L. Neri, Trad.). Campinas, SP: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1989)
- Zamignani, D. R. & Banaco, R. A. (2005). Um panorama analítico-comportamental sobre os transtornos de ansiedade. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 77-92.

Referências

- Borloti, E., Fonseca, K. A., Charpinel, P., & Lira, K. M. (2009). Uma análise etimológico-funcional de nomes de sentimentos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(1), 77-95.
- Darwich, R. A. & Tourinho, E. Z. (2005). Respostas emocionais à luz do modo causal de seleção por consequências. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 107-118.
- Guilhardi, H. J. (2004). Considerações sobre o papel do terapeuta ao lidar com os sentimentos do cliente. Em M. Z. Brandão, F. C. S. Conte, F. S. Brandão, Y. K. Ingberman, V. M. da Silva & S. M. Oliane (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 13. Expondo a variabilidade* (pp. 229-249). Santo André, SP: ESETec.
- Meyer, S. B. (2001). A relação terapeuta-cliente é o principal meio de intervenção terapêutica? Em H. J. Guilhardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 8. Expondo a variabilidade* (pp. 95-98). Santo André, SP: ESETec.
- Skinner, B. F. (1994). *Ciência e comportamento humano* (9a ed.; J. C. Todorov & R. Azzi, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953)



Contribuição de Contexto para a história da análise do comportamento no Brasil

Thais Albernaz Machado do Carmo Guimarães¹ e Maria do Carmo Guedes²

De boletim impresso à digital, apenas informativo ou publicando também textos assinados *sobre e em* análise do comportamento e cognição, a que serve o boletim institucional da ABPMC?

Convidado a escrever para *Contexto* algo sobre história da análise do comportamento no Brasil, ocorre ao LeHac falar sobre o próprio Boletim, porque chamou atenção ao se pesquisar a institucionalização da área no país. Procurando por atividades da ABPMC que explicariam seu papel nesse processo, destacou-se um boletim que, pareceu, extrapolava funções de simples informativo. Não por acaso, seu nome mudaria a partir do número 19, de *Informativo ABPMC* para *ABPMC Contexto*.

Como esperado, muito da informação (em editoriais, notícias, comunicados) referia-se ao principal acontecimento anual da Associação (e da área, aliás): o Encontro Anual que promove sem interrupção desde seu início. Entretanto, chamou atenção a presença de textos assinados, desde o número inicial, trazendo para o boletim a palavra de importantes nomes na área, nacionais e do exterior. Daí o quadro (entre outros) que o LeHac levou em 2008 para a exposição realizada durante o XVII Encontro Anual da ABPMC, com a relação completa de textos publicados, seus títulos e autores. O que se pretendia então era partilhar com os presentes uma descoberta que parecia promissora.

O que se pretende agora, depois da leitura completa de todos os boletins (exceto o de número 24, ainda não encontrado), é selecionar

para análise alguns temas. O primeiro, escolhido especialmente porque fala de algo ainda não devidamente destacado na historiografia da análise do comportamento no Brasil, é o das relações da ABPMC com associações congêneres.

Era de se imaginar que o contato com outras associações, científicas ou profissionais, fosse de interesse da ABPMC, mas a surpresa foi que, logo no primeiro número (março de 1993), o então *Newsletter* (nome do Boletim até o número 3) traz sete notícias sobre eventos internacionais. A principal mostra a tentativa do primeiro presidente de trazer para o Brasil a edição de 1998 do Congresso Mundial de Terapias Comportamental e Cognitiva. Sabendo do interesse deste Congresso em fazer seu VI evento em um país da América do Sul, Bernard Rangé se empenhou em captá-lo para o Brasil, mais precisamente, para o Rio de Janeiro. Leitura do número 5 do *Informativo ABPMC* permite ver que, apesar da aprovação inicial junto ao Comitê Internacional em Boston, em reunião da qual Bernard Rangé participou e para o que contou com o apoio de associações latinoamericanas, a decisão não pôde ser tomada no Congresso de 1994, em Londres, porque se dependia ainda de uma reunião das associações internacionais na área, que deveriam “avaliar a experiência de um congresso mundial”, antes de qualquer decisão sobre congressos futuros. Finalmente, à época da decisão, outros eventos se colocaram no caminho (por exemplo, a mídia internacional noticiando a intervenção do exército brasileiro na cidade do Rio de Janeiro) e perdemos para Acapulco, apesar de a proposta brasileira ter sido elogiada por seu profissionalismo.

Mas o Boletim noticia outros eventos internacionais que aconteceram no Brasil. Destaca-se, desde logo (n. 1, março de 1993), um evento que aproveitou a realização, no Rio de Janeiro, do IX Congresso Mundial de Psiquiatria; trata-se do I Encontro Internacional de Psicoterapia Comportamental e Cognitiva, “do qual parti-

1 Mestre em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela PUC-SP.

2 Professora Emérita da PUC-SP, é coordenadora do Laboratório de Estudos Históricos em Análise do Comportamento (LeHac), do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento da PUC-SP.

ciparam 170 profissionais e estudantes”, e no qual a ABPMC foi oficialmente reconhecida pela ALAMOC (Associação Latinoamericana de Análise e Modificação do Comportamento; notícia do n. 2, de agosto de 1993). No n. 13, setembro de 1997, há notícia de um II Congresso Latinoamericano de Terapia Cognitiva, a acontecer em Gramado no ano seguinte. Ainda um outro encontro anunciado foi o *Latini Dies*, que, de acordo com informação no n. 14 (abril de 1998), seria trazido também para o Rio de Janeiro, e do qual só se vai ter referência muito rápida (tipo “ainda nesta gestão...” no Editorial do n. 18 (dezembro de 1999). O quarto evento internacional no Brasil ocorrerá apenas em 2004; noticiado em 2000 (no n. 21), o *Annual Convention* da *Association for Behavior Analysis International* (ABAI), da qual a ABPMC é afiliada, foi o segundo fora da América do Norte (e nele tivemos oportunidade de receber comunicações e painéis de pelo menos 10 países, conforme dados do LeHac).

Quanto às associações, são citadas no Boletim: *Asociación Española de Terapia Conductual* (AETC), *Asociación Argentina de Psicoterapia y Modificación de Conducta* (AAPMC) e *Association for Behavior Analysis International* (ABAI). O Boletim chega a trazer até mesmo a ficha de inscrição de trabalhos para o VIII Congresso da ALAMOC (n. 3, março de 1994). Ainda mencionadas: *Asociación Española de Psicología Conductual* (AEPC), *Latines Dies*, Sociedade Interamericana de Psicologia, *European Association of Behavior and Cognitive Therapy* (EABCT), *Association for Advancement of Behavioral Therapies* (AABT), Associação Latino Americana de Psicoterapia Cognitiva, *International Congress on Behaviorism and the Science of Behavior*, Associação Psicológica Ibero-Americana de Clínica e Saúde (APICSA), Congresso Internacional sobre Behaviorismo e Ciências da Conducta.

Quanto à presença no Boletim de textos assinados, cabe comentar, neste primeiro momento, que há importantes contribuições de brasileiros e estrangeiros que mostram não só informações e opiniões de pessoal importante para a área, mas também *quanto* a ABPMC tem investido em um dos principais objetivos de uma associação científica: o debate, debate que coloca frente à

frente posições diferentes - comportamento e cognição, psicologia e medicina, o presente e o passado, o profissional e o leigo.

Cabe citar ainda que o Boletim permite recuperar informação sobre importantes presenças de pesquisadores do exterior nos Encontros da Associação, entre eles: Keller, Sidman, Kohlenberg, Caballo, Malott, Garry Martin, além de textos de alguns destes e de outros autores, todos traduzidos para o português. Entre outros: Albert Ellis, Brenna H. Bry, B. F. Skinner, Ernest A. Vargas, Fae Harstsfield, Gail S. Bernstein, Julie S. Vargas, Karl Schick, Lawrence E. Fraley, Margareth Vanghn, Michel E. Addis, Richard W. Malott, Vicente E. Caballo e William James Hall.

Vale lembrar, finalmente, que alguns dos textos assinados por colegas brasileiros, bem como a maioria dos Editoriais, são preciosa contribuição à história, porque trazem ao leitor a memória mesma da análise do comportamento no Brasil por quem a vive ou viveu.

Matérias



Escola que Protege: Um projeto do MEC inspirado no trabalho de Lúcia Williams

por Dante Marino Malavazzi

Coordenado por uma analista do comportamento no Estado de São Paulo, projeto do MEC visa à prevenção da violência no contexto escolar

O projeto *Escola que Protege* (EqP), do Ministério da Educação (MEC), tem por objetivo combater e prevenir a violência no contexto escolar. No Estado de São Paulo, o EqP é supervisionado pela professora Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams, coordenadora do Laboratório de Análise e Prevenção da Violência (LAPREV) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Inspirado na tese de doutorado da psicóloga Rachel de Faria Brino, orientada pela professora Lúcia Williams, o projeto do MEC ilustra de forma exemplar a contribuição de analistas do comportamento para intervenções no âmbito social.

Entre as iniciativas do EqP, destaca-se um curso presencial de 80 horas, ministrado por psicólogos aos professores da rede pública de ensino básico. A finalidade é capacitar o corpo docente a identificar sinais de maus-tratos aos alunos e, se necessário, denunciar os agressores. “A ideia é transformar os professores em *agentes de multiplicação*, antecipando a intervenção e evitando prejuízos maiores às crianças”, explica Williams.

Realizado aos sábados, o curso envolve aulas expositivas e atividades práticas. Além da oportunidade de aprender e esclarecer dúvidas sobre temas importantes, como bullying¹, os professores realizam oficinas com pais e alunos. Em 2010, oitocentos docentes já participaram do curso nos municípios de São Paulo, Campinas, Ribeirão Preto e Porto Ferreira.

Enfatizando a multideterminação do fenômeno da violência, a coordenadora do LAPREV atribui sua expressão no contexto escolar, ao menos em parte, a um modelo parental inapropriado. Segundo Williams, a agressão sofrida em casa tende a ser reproduzida na escola. Ao mesmo tempo, a professora alerta para a disseminação das drogas no ambiente acadêmico, fator que contribui para elevar os índices de agressividade.

“A escola não está preparada para lidar com crianças vítimas de abuso sexual e outras formas de agressão. O conhecimento dos professores sobre o assunto ainda equivale ao do senso comum. Falta-lhes repertório para lidar com o problema, pois os alunos de hoje são mais difíceis do que os de antigamente”, avalia. De acordo com Williams, é preciso estabelecer regras claras e investir na democratização da escola. Do contrário, o quadro pode se perpetuar.

Em São Carlos, o EqP é realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação. Desde a sua criação, as notificações de abuso sexual infantil dobraram e as estatísticas oficiais registraram uma queda na média de idade das crianças vítimas de maus-tratos. Os resultados indicam a eficácia do projeto, sinalizando a necessidade de estendê-lo a outros municípios.

1 Termo inglês que define todo tipo de preconceito, discriminação e violência entre crianças e adolescentes na escola.

Matérias



Reconstruindo a sociedade por meio da análise do comportamento: O trabalho de Paula Gomide com menores infratores

por Jan Luiz Leonardi

O trabalho da professora Paula Inez Cunha Gomide tem longa data. Em 1985, logo após concluir o mestrado, foi convidada pelo presidente do Instituto de Amparo ao Menor (IAM) para realizar uma avaliação institucional desse local. No mesmo ano, assumiu um estágio em terapia comportamental que contava com 15 alunos de graduação. Ela levou seus estagiários para o IAM e, juntos, fizeram a avaliação institucional do local.

O diagnóstico do IAM foi alarmante: a instituição não contava com programas educativos ou de reabilitação, mas apenas com algumas oficinas cuja função era manter os menores infratores ocupados. A equipe técnica desconhecia o que facilitava ou dificultava o processo de mudança e não tinha ideia do que acontecia com os indivíduos depois que eles saíam do IAM.

Com base na constatação de que os internos do IAM não tinham chance de reingressar na sociedade devido ao seu severo déficit comportamental e no fato de que não havia um único trabalho sobre intervenção com essa população no Brasil, a professora Paula Gomide desenvolveu em sua tese de doutorado um programa de atendimento que tinha por objetivo a completa reinserção social dos menores infratores. Esse trabalho deu origem ao livro *Menor Infrator: A Caminho de um Novo Tempo*, atualmente em sua 7ª reimpressão.

Em 2002, a pedido do Governo do Estado do Paraná, Paula Gomide criou uma unidade socioeducativa para adolescentes em alto risco – latrocidistas, traficantes, estupradores, chefes de gangue, entre outros – que contou com a participação de duas terapeutas analítico-comportamentais:

Maria da Graça Saldanha Padilha e Giovana Veloso Munhoz da Rocha. Dando continuidade ao seu trabalho sobre violência, a professora publicou recentemente o livro *Comportamento Moral: Uma Proposta para o Desenvolvimento das Virtudes*, em que discute os determinantes do comportamento antissocial e apresenta um programa estruturado e testado empiricamente para sua modificação.

Ao discorrer sobre o lugar da análise do comportamento em seu trabalho, Paula Gomide é enfática: “Só analista de comportamento faz observação, definição e avaliação programática, sistemática. As outras abordagens não fazem isso, não mostram que o procedimento é eficaz”. Ela também ressalta o papel fundamental que a análise funcional ocupa, explicando que “sem isso, não tem trabalho, pois é essencial encontrar padrões”. Além disso, a professora aponta a importância de o trabalho ser realizado por psicólogos altamente especializados. Em seus anos de experiência, viu estagiários, recém-formados e profissionais pouco preparados atendendo menores infratores, o que, de seu ponto de vista, é o ápice de todo o problema. Neste sentido, defende que “somente com profissionais muito bem treinados é possível obter resultados satisfatórios”.

Atualmente, em parceria com diversos pesquisadores, a professora Paula Gomide coordena na Universidade Tuiuti do Paraná a criação do primeiro curso de mestrado em Psicologia Forense, que está sendo encaminhado para avaliação da CAPES e, se aprovado, terá sua primeira turma em fevereiro de 2011. É mais um passo de uma analista do comportamento na reconstrução da sociedade.

Homenagem

Carta aberta à professora Tereza Maria de Azevedo Pires Sério (Téia)



Téia,

É muito difícil colocar em palavras o que estamos sentindo agora. É extremamente difícil entender que não podemos mais conviver com você ou mesmo encontrá-la esporadicamente. Mas, apesar da sensação de desamparo, temos tanto a agradecer que não será possível lamentarmos por muito tempo.

Sua presença em nossas vidas foi um privilégio, do qual nos orgulhamos e pelo qual seremos para sempre gratos. Você nos modificou permanentemente. Tornou-nos leitores críticos, conceitualmente comprometidos. A cada aula sua, dávamos um passo adiante de uma Análise do Comportamento feita para melhorar o mundo.

Era maravilhoso presenciar seu entusiasmo com cada nova interpretação, cada descoberta que era feita. Era ainda mais maravilhoso quando nós percebíamos que havíamos contribuído para isso (e você deixava bem claro!). A atenção que nos era dada por você foi sistemática, abundante e inigualável. Cada avanço nosso era recebido com uma festa e é com muita satisfação que nós dizemos o quanto você foi responsável por muitos dos passos que demos e daqueles que ainda daremos.

Você foi reforço e seu efeito duradouro está presente em nossas relações com o mundo. Uma das provas disso é que hoje podemos vê-la e ouvi-la em sua ausência. É um prazer tê-la conosco.

Muitíssimo obrigado por TUDO. Faremos questão de contar ao mundo o que um dia você nos contou.

De seus alunos incondicionais

Instituição afiliada à ABPMC

Instituto de Estudo e Psicoterapia Analítico Comportamental (IEPAC)

O IEPAC surgiu em 2005, quando um grupo de psicólogos recém-saídos da universidade e com muita vontade de aprimorar seu trabalho reuniu-se com a psicóloga Dra. Yara Kuperstein Ingberman, com o objetivo de formar um grupo preocupado com a formação profissional e acadêmica.

O lema orientador deste grupo inicial se traduz nas palavras de Skinner: “Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente. Não aceite verdade eterna. Experimente” (Walden II, 1948/1978).

A formação do instituto atende a um anseio de Yara Kuperstein Ingberman e do grupo de profissionais que aderiu à idéia inicial. Yara é professora de cursos de psicologia em nível de graduação e pós-graduação há 35 anos, com atividade didática, de pesquisa e divulgação científica voltadas à prática clínica analítico-comportamental. Tem se dedicado também à coordenação de cursos para a formação de terapeutas desde 1994, na academia e na prática privada. Participa ainda ativamente da Associação Brasileira de Medicina e Psicoterapia Comportamental (ABPMC) desde sua fundação.

O IEPAC tem como objetivo desenvolver diversas atividades de ensino e psicoterapia com base na análise do comportamento. Para atingir estes objetivos, desenvolve atividades de atendimento clínico e formação profissional. Tem promovido sistematicamente, além da formação contínua de seus membros, cursos para a comunidade acadêmica e treinamento clínico para profissionais.

Participam do grupo os seguintes profissionais:

Coordenadora

Dra. Yara Kuperstein Ingberman (CRP 08/0436)

Dra. Caroline Guisantes de Salvo Toni (CRP 08/10762)

Ms. Gabriela Mello Sabagg (CRP 08/10610)

Espc. Ana Paula Franco Mayer (CRP 08/11395)

Espc. Mariana Salvadori Sartor (CRP 08/10020)

Espc. Umberto Anselmi Neto (CRP 08/11548)

Psic. Kátia Daniele Biscouto (CRP 08/15184)